

rias que retoma, ou a modelos que revive; renovação no sentido de criatividade, de obtenção de novos resultados, de inauguração de novos conteúdos e novas soluções. E assim também se verifica em toda a história da cultura: os grandes momentos da criatividade do espírito concentram influências e supõem dados preexistentes, mas ao mesmo tempo exprimem coisa nova como combinação de dados e conveniência efetiva. Destarte pode cada homem, em cada época, debruçar-se sobre as obras do passado e reconhecer-se no traço dos estilos, que não se extinguem de todo, e no palpar dos significados, que são sempre motivos humanos. E pode reconhecer na variedade histórica e cultural, que é incontestável, a parte invariável dos problemas do homem, incontestável também.

O orientador educacional e a orientação vocacional

RUBEM EDUARDO DA SILVA

A principal função da Orientação Educacional na escola é ajudar a promover o ajustamento do aluno como estudante, preparando-o para sua realização como adulto na sociedade. E como dificilmente o indivíduo se realizará como pessoa, na sociedade, sem se sentir ajustado na sua vida profissional, o Orientador Educacional não desempenhará completamente sua missão na escola se não ajudar o jovem a se realizar como profissional. Deste modo, a Orientação Vocacional não é um privilégio, mas parte integrante e essencial do S.O.E. A Orientação Vocacional, além de ser uma exigência da própria natureza do Serviço de Orientação Educacional, é um imperativo da atual Lei do Ensino 5692, como o era das anteriores. Não se pode mais perder tempo em discutir se cabe, ou não, ao Orientador Educacional fazer a Orientação Vocacional na escola. O que precisamos é estudar os meios de o Orientador melhor desempenhar uma de suas tarefas mais importantes, a Orientação Vocacional dos estudantes.

O Orientador Educacional, para dar uma ajuda eficiente aos jovens, deve ter informação suficiente sobre o que implica e significa a escola profissional. E, se a "teoria é uma maneira de organizar e sistematizar o que se conhece sobre um fenômeno" (1), é indispensável ao Orientador Educacional o conhecimento das principais teorias existentes sobre a escolha vocacional. Esse conhecimento lhe dará indicações mais claras sobre o que deve pretender e esperar com seu trabalho.

Principais teorias sobre escolha vocacional

Não poderíamos analisar o problema da Orientação Vocacional na Escola sem abordar algumas das teorias, considera-

das atualmente mais importantes, sobre a Orientação Vocacional.

As teorias apresentam, em geral, pontos divergentes e pontos comuns, e, na maioria das vezes, de algum modo se completam. O que importa para o Orientador Educacional não é se filiar a uma corrente ou teoria, mas conseguir elementos para ajudar adequadamente o orientando a resolver seu problema central: tomar decisões acertadas para uma boa escolha profissional. As decisões a serem tomadas neste campo são por demais importantes, uma vez que delas poderá depender o ajustamento, como pessoa, do indivíduo na sociedade. O que é necessário ao Orientador é um conhecimento geral das teorias para poder se orientar no seu trabalho. Certamente algumas teorias poderão se apresentar mais atraentes, oferecendo mais elementos para uns Orientadores e outras para outros.

Estudiosos nos campos da Sociedade, da Economia e da Psicologia têm dado suas contribuições para uma maior compreensão do fenômeno — decisão profissional. A responsabilidade do Orientador é se inteirar dos resultados dos estudos feitos para maior eficiência no seu trabalho.

Uma análise da literatura sobre Orientação Vocacional revela que existem alguns determinantes da escolha profissional sobre os quais o indivíduo não poderá ter controle nenhum ou quase nenhum. Muitos fatores culturais e econômicos, assim como alguns psicológicos, não podem ser manipulados pelo indivíduo no seu desenvolvimento vocacional. Certamente muitas pessoas não fazem uma escolha profissional por falta de oportunidade ou porque para tal não são motivadas (2). Muitos fatores, porém, poderão ser manipulados pelos jovens, no seu desenvolvimento vocacional, se puderem contar com a colaboração de um Orientador Educacional eficiente.

Os estudos, teorias e conceituação no campo da Orientação Vocacional podem ser classificados em quatro grupos: a) alguns afirmam, de modo determinista, que a escolha profissional depende da sorte, de situações acidentais, ou de impulsos

inconscientes; b) para um segundo grupo, a Orientação Vocacional se baseia na combinação das características do indivíduo com as exigências da profissão, é o Matching — Trait and Factor"; c) no terceiro grupo se encontram os que se relacionam a escolha vocacional com teorias da personalidade; d) o quarto grupo focaliza o desenvolvimento vocacional que leva à "auto-realização".

a. *Determinismo na escolha Vocacional*

Para o primeiro grupo não pode haver realmente uma teoria da escolha vocacional, uma vez que não há possibilidade de se predizer o processo para a decisão profissional. Estamos diante da fatalidade e do determinismo. Aqui encontramos, sobretudo, alguns sociólogos e economistas. A escolha profissional iria depender de uma situação acidental, como o local de nascimento, o ambiente em que se vive, a formação que se pode receber, etc. Outros irão escolher a profissão em virtude de determinados impulsos inconscientes. Se tais fatores atuam, sem dúvida alguma, no desenvolvimento vocacional dos indivíduos, a evidência tem mostrado, porém, que não são os únicos determinantes da escolha profissional, em situações normais.

b. *Comparação do que é o indivíduo com o que exigem as profissões*

O segundo grupo — comparação dos traços do indivíduo com as exigências da profissão — representa a teoria mais antiga no campo da Orientação Vocacional. Frank Parsons foi o primeiro a propor uma teoria da escolha profissional, em 1909, com seu livro — *Choosing a Vocation*. Para Parsons, três fatores são essenciais para uma escolha profissional adequada: 1) clara compreensão das características do indivíduo, do seu "eu"; 2) conhecimento das exigências das ocupações e profissões; 3) raciocínio adequado (true reasoning) sobre a relação entre os dois primeiros grupos de fatores.

A teoria de Parsons liderou quase exclusivamente até 1951, quando surgiu Ginzberg apresentando, com seus colaboradores,

a escolha vocacional como parte de um processo que se desenvolve através de uma sequência de estágios. O que os autores posteriores apresentaram está, de certo modo, na linha dos estudos de Parsons que, no começo do século, teve uma visão válida e panorâmica da Orientação Vocacional. Os estudos baseados nas teorias de personalidade, as análises das profissões e as hipóteses e pesquisas sobre o desenvolvimento vocacional têm contribuído para um maior conhecimento dos indivíduos e das profissões. Tornou-se possível então um raciocínio mais adequado no relacionamento dos dois fatores fundamentais para a escolha profissional. Muitas das teorias mais recentes representam um aprofundamento dos elementos apresentados por Frank Parsons.

Uma grande falha neste grupo é não ter levado na devida conta os aspectos do desenvolvimento e da dinâmica da personalidade, para a escolha profissional. Esta teoria exige que os testes de aptidão tenham elevado nível de precisão e validade, o que, infelizmente, não foi ainda conseguido. E, ainda, se supõe algo impossível, em nossa época: o conhecimento adequado de todas as profissões possíveis de serem escolhidas pelo orientando.

Esta teoria tem prestado grande contribuição aos profissionais da Orientação Vocacional, sobretudo na construção de melhores instrumentos para sondagem das aptidões e interesses e para maior compreensão das profissões e do que elas requerem das pessoas.

Podemos, de certo modo, incluir neste grupo a teoria apresentada por Holland em 1959 (3). As pessoas são classificadas em seis modelos ou tipos básicos: realístico, intelectual, social, convencional, empreendedor e artístico. Holland caracteriza cada tipo através de preferências vocacionais, orientação social, interesses e diversas variáveis de personalidade. É feita uma descrição detalhada de cada um dos tipos, com suas características próprias. O Orientador deve, através do instrumento criado por Holland — *Inventário de Preferência Vocacional* — sondar a semelhança do indivíduo com cada um dos seis tipos, o

que indicará seu padrão de personalidade, sugerindo grupo de ocupações para sua escolha profissional. Segundo Holland, as pessoas são impelidas para as ocupações cujos membros têm o mesmo tipo de personalidade.

c. *Teoria da personalidade e escolha vocacional*

O terceiro grupo focaliza a estrutura e desenvolvimento da personalidade como elemento central na escolha vocacional. O grau de satisfação das necessidades básicas é que determina a escolha vocacional. Ao se decidir por uma profissão o que se visa é a redução das tensões criadas pelas necessidades fundamentais de cada indivíduo de acordo com Maslow. Os indivíduos se orientam para aquelas profissões que satisfazem as suas necessidades. No processo que leva à escolha profissional o indivíduo avalia suas próprias necessidades e a possibilidade de satisfazê-las através de uma das várias ocupações que pode desempenhar.

Neste grupo se destaca *Anne Roe*, que afirma ser através da profissão que o indivíduo pode melhor satisfazer as necessidades relacionadas por Maslow, sobretudo a de nível mais elevado — a realização do “eu”. Roe sugere que as primeiras experiências familiares de aceitação ou rejeição irão determinar os interesses e a escolha vocacional, influenciando a orientação geral do indivíduo para profissões que lidam com pessoas ou para as que lidam com coisas.

d. *Desenvolvimento vocacional*

O quarto grupo se desenvolveu a partir do trabalho de Ginzberg e seus colaboradores, publicado em 1951 (*Occupational Choice, an Approach to a General Theory*). Estes autores se opõem às teorias dos deterministas que, supervalorizando apenas um conjunto de fatores, consideram o indivíduo como passivo e impotente no processo de sua escolha profissional. São três os elementos básicos da teoria: a) a escolha vocacional é um processo que abrange um período de, no mínimo, seis anos; b) o processo é basicamente irreversível, pois cada decisão, du-

rante a adolescência, é relacionada a experiências passadas e tem influência sobre as futuras; c) compromisso é um aspecto essencial de cada escolha, uma vez que esta implica em um ajustamento entre os elementos subjetivos e a realidade das oportunidades e limitações existentes.

O processo da escolha vocacional é dividido em três fases ou períodos: 1) período da fantasia que coincide com o período de latência e vai dos 6 aos 11 anos; 2) o período da tentativa (escolha provisória) se subdivide em quatro estágios: a) o estágio do interesse, em que o indivíduo faz sua escolha levando em consideração quase exclusivamente os interesses; b) o estágio da capacidade, quando o indivíduo se torna mais consciente da necessidade de introduzir elementos mais reais ao escolher uma profissão; c) o estágio do valor, em que o adolescente se empenha em encontrar um lugar na sociedade; d) o estágio da transição, quando, no fim do curso colegial vai em busca de um trabalho ou se encaminha para a Universidade. Este período coincide com a adolescência, indo dos 11 aos 17 anos. 3) o terceiro período — da escolha realista — se subdivide em três estágios: a) estágio de exploração, em que o indivíduo procura adquirir a experiência necessária para a escolha definitiva; b) o estágio de cristalização, quando o indivíduo, levando em consideração os vários fatores que influenciam sua escolha vocacional, é capaz de se comprometer com uma escolha definitiva; c) e, por fim, vem o estágio de especificação, quando o indivíduo revê as alternativas com vistas à especialização — delimitação final da escolha.

As conclusões de Ginzberg e seus colaboradores foram alvo de muitas críticas mas deram origem a outras teorias e, o que é mais importante, a posteriores pesquisas.

Donald Super, partindo da teoria de Ginzberg, desenvolveu e procurou verificar empiricamente sua própria teoria sobre o desenvolvimento vocacional, que é apresentada como um processo que leva à realização do conceito que o indivíduo tem de si mesmo. Super estabelece a ponte que liga a teoria da personalidade à psicologia vocacional. A função do Orientador é

levar o orientando a formar idéia adequada de sua própria pessoa e encontrar uma profissão apropriada ao conceito que o indivíduo faz de si mesmo.

O desenvolvimento vocacional é um processo contínuo e a escolha vocacional, um processo de síntese. Ao escolher uma profissão, o indivíduo faz uma síntese, levando em consideração suas necessidades e recursos, e as exigências sócio-econômicas do ambiente cultural. O processo de síntese é um processo de aprendizagem da função dos interesses, valores, atitudes e padrões de comportamento que são recompensados pelos companheiros e adultos. O desenvolvimento vocacional vai implicar em uma interação intra-individual e do indivíduo com o ambiente.

Para melhor compreensão da teoria de Super, transcreveremos o resumo que ele próprio apresentou em 10 proposições (4):

1. As pessoas diferem em interesses, habilidades e características de personalidade.
2. Em virtude dessas características se qualificam para determinadas ocupações.
3. Cada ocupação exige um padrão característico de habilidades, interesses e traços de personalidade, com uma margem de tolerância que permite certa variedade de indivíduos em cada ocupação.
4. Preferências vocacionais mudam com o tempo e a experiência, embora haja, de modo geral, razoável estabilidade do conceito que o indivíduo faz de si mesmo, a partir do fim da adolescência.
5. O processo compreende uma série de estágios de vida caracterizados por crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção e declínio. O estágio de exploração se subdivide em fases de fantasia, tentativa e realismo. E o estágio de estabelecimento, em fases de tentativa e estabilidade.

6. O tipo de profissão de um indivíduo é determinado pelo nível sócio-econômico de sua família, por sua capacidade intelectual, por seu tipo de personalidade e pelas oportunidades oferecidas.
7. O desenvolvimento se dá pela maturação das habilidades, dos interesses, do conceito que o indivíduo faz de si mesmo, e na medida em que testa a realidade.
8. O processo de desenvolvimento vocacional consiste essencialmente em desenvolver e realizar o "auto-conceito". É um processo de compromisso, em que o "auto-conceito" é um produto da interação das características herdadas, das oportunidades de desempenhar vários papéis e do sentir que o papel desempenhado é aprovado pelos superiores e companheiros.
9. O processo de compromisso entre o indivíduo e os fatores sociais, entre o "auto-conceito" e a realidade, é o de desempenhar um papel, quer na imaginação quer na entrevista de aconselhamento, quer nas próprias atividades da vida real.
10. As satisfações no trabalho e na vida dependem da medida em que encontre recompensa adequada para seus interesses, habilidades, traços de personalidade e valores.

Os elementos básicos do desenvolvimento vocacional são: formação do "auto-conceito", exploração, auto-diferenciação, identificação, desempenho de um papel, teste da realidade, tradução do "auto-conceito" em termos ocupacionais e realização do "auto-conceito".

Continuando na linha das teorias do desenvolvimento vocacional, Tiedeman e O'Hara definem o processo para a escolha da profissão como a moldagem de uma identidade vocacional através da diferenciação e integração da personalidade ao se defrontar com o problema do trabalho.

Tiedeman e O'Hara apresentam um paradigma do processo de diferenciação e integração, distinguindo dois aspectos no problema da decisão: antecipação e realização ou ajustamento. A antecipação se subdivide em quatro etapas: a) Exploração — introdução de uma nova distinção. Diferentes alternativas ou possíveis objetivos são considerados. Os objetivos são afetados pelas experiências passadas, o grau de investimento do "eu" em modificar ou continuar o estado presente, e a ajuda recebida; b) A segunda etapa é a cristalização, que surge após a consideração sobre vantagens e desvantagens, custo e valor de cada alternativa; c) Em seguida vem a escolha, quando um objetivo relevante orienta o indivíduo para seu problema; d) Por fim vem a especificação que é a elaboração e aperfeiçoamento da imagem dos futuros problemas. Aqui o indivíduo se prepara para a ação, tomando sua decisão. A realização ou ajustamento compreende três etapas: a) Indução — iniciação da experiência. O indivíduo começa a ser aceito pelos outros no seu campo de atividade; b) Transmissão — o objetivo do grupo profissional se torna parte do objetivo da pessoa que foi de certo modo modificada; c) A etapa final é a manutenção, que é iniciada com a modificação dos objetivos do indivíduo e do grupo profissional. O indivíduo é considerado bem sucedido pelo grupo. O indivíduo se considera bem sucedido, igualmente. A manutenção não é inalterável mas uma condição de equilíbrio dinâmico.

Vários são os fatores que atuam para se chegar a uma decisão profissional. Partindo de uma diversidade de objetivos, através das experiências e da ajuda recebida, o indivíduo chegará, por meio de escolhas sucessivas e dos diversos estágios que se sucedem em um processo de fluxo e refluxo, à escolha definitiva de sua profissão. Diferenciação e integração se repetem muitas vezes no curso da vida do indivíduo.

Gribbons e Lohnes, pesquisando na linha da teoria do desenvolvimento vocacional, publicaram em 1968 as conclusões de seus estudos, utilizando uma amostra de 110 alunos. As idéias apresentadas por esses autores podem ser muito úteis para o trabalho do Orientador Educacional como também para sugerir perspectivas de estudos e pesquisas em nosso meio.

O instrumento utilizado pelos autores é o Readiness for Vocational Planning, que mede as seguintes variáveis: escolha de currículo, escolha de ocupação, verbalização de deficiências e potencialidades pessoais, precisão na auto-apreciação, auto-julgamento, interesses, valores e independência na escolha (5).

Comparando os resultados obtidos, na 8a. e na 10a. séries, pelos alunos observados, verificou-se um crescimento significativo na média e uma maior homogeneização dos fatores medidos pelo RVP.

À primeira vista, esta constatação parece favorecer e fortalecer a opinião dos que acham que a decisão vocacional com relação ao currículo ou ocupação deve ser adiada. Constatou-se, porém, que muitos da 8a. série tiveram escores superiores à média dos alunos da 10a. série. Do mesmo modo uma grande percentagem da 10a. série, obteve escores abaixo da média dos alunos da 8a. Seria portanto desnecessário, para um grupo, retardar o momento da decisão, enquanto o outro grupo nada aproveitaria com o adiamento do momento da adesão.

É mais importante constatar a situação em que se encontram os alunos do que antecipar ou adiar o momento da escolha. Os autores aconselham então que seja identificado o trabalho do Orientador Educacional com relação à Orientação Vocacional a partir, pelo menos, da 6a. série.

É interessante lembrar que as pesquisas, no campo da Orientação Vocacional, nos Estados Unidos, são feitas, em geral, da 8a. série em diante. Para nós, tal conclusão é de suma importância, em face da nova Lei do Ensino que dá ênfase à Orientação Vocacional, com a sondagem de aptidões a partir do 1.º grau.

Embora o número pequeno de casos estudados pelos autores não justifiquem uma tomada de posição definitiva, indica, pelo menos, a necessidade do trabalho do Orientador Educacional no campo de Orientação Vocacional junto a estudantes de menor idade.

É interessante saber que os estudantes, como grupo, vão se tornando mais capazes de tomar decisões vocacionais. Mas é constrangedor constatar que muitos não estavam capazes de tomar as decisões exigidas, deixando de fazer escolhas adequadas, perdendo assim oportunidades que talvez nunca mais possam ser oferecidas.

Tal constatação deve preocupar os educadores, pois os estudantes, que não estão preparados para as decisões que devem ser feitas, poderão ou subestimar suas habilidades e assim perder oportunidades para ocupações onde poderiam ser eficientes e felizes; ou então, superestimar suas potencialidades, o que poderá, no futuro, causar frustrações e desapontamentos. E o mais grave é que nem sempre são os alunos menos bem dotados que se encontram nesta situação.

Tudo isto mostra a responsabilidade do Orientador Educacional no que diz respeito à Orientação Vocacional. O trabalho tem que ser intensificado junto a determinados estudantes que precisarão de maior ajuda para que possam amadurecer e assim fazer uma escolha vocacional adequada.

Gribbons e Lohnes contribuíram com novos conceitos para a teoria do desenvolvimento vocacional. Os estudos anteriores apresentavam um único processo de desenvolvimento como melhor explicação dos padrões observados na escolha da profissão.

De quatro maneiras diferentes podem os indivíduos se apresentar durante o desenvolvimento vocacional.

- a) Constância na maturação — é busca realista, persistente e consistente do primeiro objetivo estabelecido;
- b) Surgimento da maturação — é a passagem através dos estágios do modelo apresentado por Super;
- c) Degenerescência — é a deterioração progressiva das aspirações e da eficiência, seguida de frustração e perda do status;

- d) Imaturidade constante — é a fixação persistente em objetivos irreais e fantásticos.

Super, com sua teoria, conseguiu explicar o desenvolvimento, vocacional de apenas um grupo de jovens — os que se situam no segundo tipo acima. É possível que, com estudos posteriores, se possa conseguir mais detalhes para os três outros tipos de processos por que podem passar os jovens quando em busca de uma profissão. Seria possível então, para o Orientador, situar seus orientandos em um desses tipos de processos, para que uma ajuda mais eficiente possa ser dada através do aconselhamento.

As hipóteses sugeridas pelos estudos de Gribbons e Lohnes levam em maior consideração a diversidade dos indivíduos e as suas múltiplas maneiras de lidar com o problema da escolha profissional. Todas as pessoas não terão de andar no mesmo passo, nem pelos mesmos caminhos e encostas. Os que se afastarem da linha prevista não serão considerados desvios da normalidade, mas pertencerão a um outro grupo, com características típicas no encaminhamento da solução de seu problema vocacional.

Orientação Vocacional durante todo o período escolar

A escolha vocacional não é, portanto, o resultado de uma decisão que se toma em determinado momento, mas um processo de desenvolvimento. Não se pode pensar em fazer Orientação Vocacional apenas em determinadas séries ou nível de escolaridade. Isto significaria utilizar apenas os elementos sugeridos por Frank Parsons. Precisamos lançar mão, para o nosso trabalho, das contribuições oferecidas pelos estudos mais recentes. Não podemos esquecer que entre os fatores que contribuem para o desenvolvimento vocacional encontramos a aprendizagem e a ajuda que pode ser dada pelo Orientador Educacional. A Orientação Vocacional deve ser objeto de preocupação do S.O.E. durante todo o período de escolaridade. É claro que o trabalho será diversificado de acordo com o próprio desenvolvimento alcançado pelo estudante. A decisão que o aluno toma, no fim do

curso, por exemplo, poderia ser adequada se tivesse contado com a ajuda do Orientador, anteriormente, na escolha de determinados cursos ou disciplinas, ou se tivesse obtido informações mais seguras sobre os vários tipos de profissões. Os resultados de pesquisas nos Estados Unidos, têm mostrado a necessidade de intensificar o trabalho da Orientação Vocacional mais cedo na escola.

A grande interrogação dos Orientadores Educacionais é de como fazer a Orientação Vocacional desde as primeiras séries. E, quando a Lei 5692/71 diz que “a parte de formação especial do currículo terá o objetivo de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho no ensino de 1.º grau”, os educadores se perguntam como fazer esta sondagem. O problema é maior ainda para o Orientador Educacional que sabe que as aptidões representam apenas um grupo de fatores determinantes da escolha vocacional. A sondagem que deve ser feita não é apenas de aptidões mas igualmente de interesses, valores e outros traços da personalidade.

Sondagem de aptidões

O grande problema para a Orientação Vocacional é a falta de instrumentos adequados, sobretudo para a faixa mais baixa de escolaridade. Certamente já temos algo em potencial que poderá, se adequadamente utilizado, servir para a sondagem de aptidões. Quero me referir ao que deve ser um instrumento de medida dos conhecimentos adquiridos na escola — as provas de verificação da aprendizagem. Se tecnicamente bem elaborados, tais testes poderão ser de grande utilidade, para a Orientação Vocacional. A observação sistemática das atividades e reações dos alunos é também indispensável no trabalho da Orientação Vocacional na escola. Tais meios assim como as outras técnicas empregadas na Orientação Vocacional só serão úteis na medida em que adequadamente utilizadas.

O estudo de uma das disciplinas do currículo mínimo da formação do Orientador Educacional — Medidas Educacionais — poderá prepará-lo para colaborar com os professores para

que as provas de verificação se tornem medidas mais objetivas deixando de ser apenas avaliação subjetiva. E deste modo poderão servir como um dos instrumentos de sondagem do que poderá o aluno fazer mais eficientemente no futuro.

Informação profissional

Sendo o conhecimento do mundo do trabalho indispensável para a decisão vocacional, o Orientador Educacional deve se preocupar com a informação profissional desde os primeiros anos de vida escolar. Para mostrar como a informação profissional pode ser dada nos primeiros anos da escola de 1.º grau, vou apresentar duas experiências vividas na primeira e segunda séries de uma escola elementar americana (6).

Na primeira série, a professora aproveitou o fato de se encontrar quebrada a perna de uma cadeira de brinquedo, para levar os alunos a brincar de carpinteiro para tentar consertar a cadeira. As crianças constataram, através da experiência, que instrumentos eram necessários e quais as etapas do trabalho, encarregando-se cada uma de determinada tarefa. As crianças foram levadas a discutir as qualidades exigidas para um bom desempenho da tarefa. A partir desta experiência os alunos começaram a falar sobre as profissões de seus pais e vários tipos de ocupações foram analisados.

Uma outra experiência foi vivida na segunda série. A discussão foi sobre o que cada um gostaria de ser quando crescesse e o objetivo era incutir respeito por todos os tipos de trabalho e levar as crianças a compreender como eram úteis os vários tipos de ocupações na comunidade.

Primeiro foi sugerido que cada criança pedisse aos seus pais para descrever o seu trabalho. Cada criança relatava em classe a ocupação do pai e se analisava como as diversas ocupações contribuíam para o bem-estar da comunidade. Por fim, as crianças escolheriam uma das ocupações para, em torno dela, girarem as atividades nas aulas de Linguagem e Matemática. Foi elaborado um jornalzinho descrevendo as várias ocupações

estudadas. Cada criança indicava que ocupações escolhia e a razão de sua escolha.

Estes dois exemplos mostram como se pode ajudar os estudantes no seu desenvolvimento vocacional, se fizermos funcionar nossa capacidade criadora.

Conclusões

Para concluir, gostaria de fazer algumas sugestões aos Orientadores Educacionais e aos especialistas em Orientação Vocacional.

É indispensável e urgente que os especialistas em Orientação Vocacional no Brasil se empenhem no aprofundamento das teorias da Orientação Vocacional para que, aproveitando os resultados dos estudos realizados, possamos, através de pesquisas, descrever as características próprias do desenvolvimento vocacional de nossos jovens.

Sabendo-se que as teorias no campo da Orientação Vocacional são influenciadas pela situação sócio-econômica do meio pesquisado, precisamos, pelo menos, testar as teorias do desenvolvimento vocacional em nosso meio. Infelizmente as teorias resultaram de estudos e pesquisas feitos, em geral, nas classes sociais mais favorecidas. A tarefa de testar as teorias do desenvolvimento Vocacional só poderá ser cumprida se, ao esforço do trabalho cotidiano do Orientador Educacional, se juntar a colaboração daqueles que, na Universidade, devem se dedicar ao ensino e à pesquisa.

Uma outra sugestão é quanto à necessidade de se criar instrumentos válidos para uso na Orientação Vocacional. Quando falo na criação de instrumentos válidos não me refiro apenas à criação de novos instrumentos mas também à validação dos vários instrumentos. Vale salientar que tais instrumentos são usados, muitas vezes, porque se supõem válidos para medir determinadas variáveis sem que tal hipótese tenha sido realmente testada. E para a urgência da criação de novos instrumentos é

indispensável que os especialistas no assunto unam seus esforços, estudando, planejando e elaborando tais instrumentos.

Finalmente, queria sugerir aos Orientadores Educacionais que, no seu trabalho, se preocupem sempre com uma fundamentação científica. A sua atuação junto aos estudantes deverá se basear nos resultados da análise teórica e na constatação dos dados estudados, bem como contribuir para a pesquisa no campo da Orientação Vocacional. Se o Orientador Vocacional tiver sempre uma preocupação científica irá à busca de instrumentos mais objetivos e válidos para ajudar o jovem no seu desenvolvimento vocacional.

Um dos pontos falhos no Serviço de Orientação Educacional é a falta de acompanhamento dos alunos egressos da escola. O Orientador Educacional só poderá avaliar o resultado do seu trabalho constatando como se comportam os indivíduos ao deixarem a escola. É necessário, portanto, um acompanhamento sistemático de uma amostra representativa do universo daqueles que receberam, na escola, ajuda da Orientação Educacional. Se os Orientadores fizerem tal acompanhamento, estarão oferecendo uma contribuição, e talvez um desafio, aos teóricos e pesquisadores no campo da Orientação Vocacional.

É indispensável que haja interação entre os que se encontram entregues ao trabalho direto da Orientação Vocacional e os que devem estudar e pesquisar nesta área. Os Orientadores, em face das dificuldades encontradas no seu trabalho, e das necessidades sentidas, devem provocar estudos, análises e pesquisas daqueles que devem assumir tal responsabilidade.

REFERÊNCIAS

1. Shertzer, B., and Stone S. C. *Fundamentals of Guidance*. Houghton Mifflin Company, Boston, 1966, p. 305.
2. Hackman, R. B. The Problem of Vocational Choice in Vocational Guidance: an Essay. In Adams, J. F. *Counseling and Guidance — a Summary View*. The Macmillan. Company, New York, 1965, p. 233-249.

3. Holland, J. L. A Theory of Vocational Choice. In *Journal of Counseling Psychology*, Vol. 6, n.º 1 (Spring, 1959), p. 35-45.
4. Super, D. E. A Theory of Vocational Development. In *American Psychologist*, Vol. 8, (may, 1953), pp. 185-190.
5. Gribbons W. D., and Lohnes, P. R. *Emerging Careers*. Teachers College Press, Columbia University, New York, 1968, p. 22.
6. Kaback, G. R. Occupational Information in Elementary Education. In *Vocational Guidance Quarterly*, Vol. 9, n.º 1 (Autumn, 1960) pp. 55-59.